

SIGNIFICADO E VARIAÇÃO SOB A TERCEIRA ONDA

MEANING AND VARIATION UNDER THE THIRD WAVE

Gabriel Catani (Unicamp)

g197219@dac.unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-9010-7113>

Livia Oushiro (Unicamp)

oushiro@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2165-3305>

O volume recém-publicado *Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave* ("Significado social e variação linguística: teorizando a terceira onda") reúne capítulos que tratam da variação linguística conforme a perspectiva que, sob a pena e influência de Penelope Eckert (2012), intitulou-se "terceira onda", termo empregado para fazer referência ao movimento teórico na área de Sociolinguística no qual se questiona pivotalmente o papel da variação linguística na veiculação e modificação de significados sociais. O propósito da obra faz-se claro logo de início: promover avanços na teoria sociolinguística, explicitamente discutindo os princípios e conceitos associados à terceira onda. Nos capítulos subsequentes, os autores apresentam a vertente e suas premissas de maneira ampla e diversa, utilizando-se de análises empíricas como plataforma para as atuais questões teórico-metodológicas prementes na sociolinguística. O livro divide-se em três partes: a primeira trata do lugar do significado social; a segunda, de sua estrutura; e a terceira de sua relação com a mudança linguística. Cada uma das partes apresenta cinco artigos, em sua maioria diretamente relacionados ao artigo precedente, conferindo fluidez na passagem entre os tópicos.

O primeiro capítulo, de autoria dos editores do volume, tem caráter de abertura. Nele fazem um apanhado geral sobre a terceira onda, situando a abordagem em relação às duas outras – primariamente interessadas na mudança linguística, enquanto na mais recente a ênfase se desloca para a compreensão da variação como um recurso disponível ao falante para agir socialmente através da construção dinâmica de *personae*. Apresentam os capítulos

subsequentes de maneira integrada ao preâmbulo com as noções caras para a área, como *campo* e *ordem indexical*; *bricolagem*; "*marcadez*" (*markedness*) e *enregistramento*.

O artigo que abre a primeira parte, "Where is (Social) Meaning?" ("Onde se localiza o significado (social)?"), trata da relação entre a mudança sonora e os significados sociais. Como ponto de partida, Lauren Hall-Lew, Amanda Cardoso e Emma Davies apresentam a questão: por que a mudança sonora se dissemina mais rapidamente em um grupo do que em outro? Em suas análises, examinando o fronteamto variável de /ow/ no inglês de californianos (como em *goat* "cabra"), as autoras visam a demonstrar o benefício da adoção conjunta dos métodos e perspectivas das três ondas sociolinguísticas, empregando testes relacionados tanto a categorias censitárias – como gênero e etnia – quanto a categorias localmente relevantes derivadas do trabalho etnográfico – como a geração do falante, estabelecida a partir do contexto histórico e sociodemográfico –, e realizando uma análise indexical que busque explicar as correlações observadas, ao mesmo tempo em que se considera a variação intrafalante.

Observaram uma tendência ao fronteamto em vogais antecidas por coronais (*toe* "dedo do pé") e menor taxa nos casos seguidos de líquida (*owl* "tigela"). Nos casos menos condicionados fonologicamente, constataram que as sino-americanas lideram um aparente processo de mudança, opondo-se a estudos prévios nos quais se observam grupos étnicos brancos na liderança de mudanças regionais. Analisando essa subamostra, notaram que as cantonesas mais jovens favoreciam o fronteamto; especulam que a variante pode ser um recurso estilístico relevante para esse grupo; e inquiram sobre os possíveis significados associados ao comportamento linguístico dessas falantes, que parece servir de contraponto à mudança promovida por falantes brancos e como um meio de projetar uma identidade asiática. Concluem, diante do observado, que mudanças sonoras se disseminam mais rápido em alguns grupos por conta de mudanças indexicais associadas aos sons.

No capítulo seguinte, "The Social Meaning of Syntax" ("O significado social da sintaxe"), Emma Moore trata dos estudos sobre variação sintática, costumeiramente preteridos face aos estudos sobre variáveis fonéticas e fonológicas, diante de dificuldades quanto à sua baixa frequência e quanto ao estabelecimento do envelope de variação, que levanta debates sobre a equivalência semântica das formas. A autora critica a noção de variação baseada na mera substituição de determinada variante por outras, julgando que, para o estudo dos significados, a importância não necessariamente está na frequência de uma forma, mas no modo como é empregada e em seu decorrente impacto social. Questiona também a associação genérica entre formas não padrão e formas estigmatizadas, asseverando que as primeiras não

necessariamente são indicadoras de grupos estratificados socialmente – especialmente no que concerne a variáveis sintáticas, sobre as quais se imprimiria a suposição errônea de que as formas padrão da fala condizem à normatização ortográfica.

Apresenta, então, uma análise etnográfica na qual examinou dados de meninas em um colégio britânico e constatou a existência de relações indexicais entre o uso da concordância negativa (p.ex., *I didn't say nothing* “eu não disse nada”) e a noção de delinquência, até mesmo num nível icônico: o uso da variante em si poderia ser visto como um ato delinquente. Analisa, ademais, a relação entre a variável em questão com outras de ordem fonológica e morfológica, o que projeta, de modo composicional e interrelacionado, diferentes significados sociais. Moore afirma que a ampliação dos estudos sintáticos é fundamental tanto para uma maior compreensão dos significados sociais como um todo, quanto para uma melhor compreensão da variação fonológica em si. Sem descartar diferenças evidentes entre variação sintática e fonológica, a autora indica que nenhuma análise se faz completa descartando parte imanente de seu funcionamento.

Fortuitamente após as discussões do terceiro capítulo, Andrea Beltrama e Laura Staum Casasanto tratam, em “The Social Meaning of Semantic Properties” (“O significado social de propriedades semânticas”), do papel dos intensificadores, função parcialmente atribuída por Moore à concordância negativa. Em interface com a Semântica, os autores analisam diferenças na atribuição de significados sociais em sentenças com intensificadores que operam sobre predicados escalares e não escalares – fenômenos chamados, respectivamente, de intensificação lexical e intensificação não lexical – em experimentos com o advérbio intensificador *totally*, do inglês, e com o sufixo italiano *-issimo*.

As construções com intensificação não lexical (como em “*you're totally hired*”) foram, por meio de escalas Likert, mais associadas a diversos significados sociais, tanto positivos (como “+amigável”, “+extrovertido”), quanto negativos (“–maduro”, “–inteligente”), em oposição às outras sentenças, cujas avaliações praticamente não diferiram das conferidas a sentenças sem intensificadores. Considerando as construções com predicados não escalares como marcadas, dada sua estrutura semântica complexa, os autores afirmam que, para além de motivações socioideológicas, devem-se considerar também restrições da ordem da estrutura linguística no que concerne ao modo como operam os significados sociais na linguagem. Nessa acepção, os significados sociais que determinada forma carrega estariam diretamente ligados às possibilidades linguísticas condicionadas pelo seu uso, o seu valor semântico formal. Demandam, portanto, que se considerem tais aspectos semânticos dos usos linguísticos, em prol

de uma melhor compreensão dos processos associados à variação e à mudança linguística, tendo em mente questões como o encaixamento e a implementação de tais usos.

Em prosseguimento às abordagens multidisciplinares, em “Pragmatics and the Third Wave: The Social Meaning of Definites” (“Pragmática e a terceira onda: o significado social dos definidos”), Eric K. Acton trata da interface entre os estudos de terceira onda e pragmática através da reflexão sobre a relação entre comportamento linguístico e significados sociopragmáticos. O autor retoma aspectos comuns entre as áreas, voltando-se à análise de dois exemplos nos quais mobiliza harmonicamente aspectos teóricos e práticos de ambas as frentes. No primeiro exemplo, examina o uso da construção “*that one*” (“aquele lá”), usada pelo então presidenciável republicano John McCain, com objetivo de se distanciar de seu oponente democrata Barack Obama, causando repercussões negativas na campanha de McCain, ao ser avaliada pela mídia como desumanizante. O autor contrapõe o uso a suas potenciais alternativas cabíveis, constatando que a ausência de qualquer indicativo de pessoa juntamente com o demonstrativo “*that*”, que demonstra distância do referente, são responsáveis pelo sentido em questão. Trata, em seguida, de outra construção distanciadora na língua inglesa, o uso de “*the*” antecedendo plurais, como em “(*the*) *Americans*” (“(os) americanos”). Sendo o “*the*” desnecessário para expressar a pluralização, seu uso torna-se saliente em contraste com a forma não marcada. Assim, a presença do determinante atua como unificador dos componentes do grupo, gerando um efeito de coletivização. Tal funcionamento é ilustrado com uma análise dos usos de plurais com “*the*” na fala de políticos estadunidenses, que empregam mais a forma marcada quando se referem ao partido rival, justamente indicando distância entre o falante e o grupo.

Com as análises apresentadas, salienta a relevância do contexto de ocorrência dos usos linguísticos para sua interpretação e indica que os significados resultantes de certos processos interpretativos podem se tornar convencionalmente ligados a formas linguísticas. Logo, também seria possível fazer o percurso inverso, partindo de significados mais ou menos estáveis em direção ao contexto sócio-histórico de seu estabelecimento e às suas relações contrastivas. Ressalta, assim, a importância de se considerar a interrelação de diferentes dimensões dos significados, conciliando o linguístico e o social.

No sexto capítulo, “The Cognitive Structure behind Indexicality: Correlations in Tasks Linking /s/ Variation and Masculinity” (“A estrutura cognitiva por trás da indexicalidade: correlações em tarefas ligando variação do /s/ e masculinidade”), Kathryn Campbell-Kibler trata do processamento cognitivo da variação, questionando a existência do chamado “monitor

sociolinguístico" (LABOV, 1966; 1993), proposta na qual se conjectura a existência de um mecanismo de processamento específico de formas linguísticas que carregam significados sociais. Baseando-se na noção de campo indexical, inquire se diferentes comportamentos sociolinguísticos compartilham as mesmas ligações entre formas e significados sociais, consequentemente compartilhando a mesma estrutura cognitiva.

Para atender à questão, empreende análises experimentais investigando a relação indexical entre a realização variável, no inglês, de /s/ como mais fronteira [s] até mais recuada [ʃ] e a noção de masculinidade, através de cinco tarefas distintas. Com a resposta de cerca de 150 participantes, os resultados obtidos em cada tarefa não apresentaram correlação entre si, sugerindo a inadequação da hipótese de compartilhamento das estruturas, ou ainda que certos ruídos ocasionados pelos desenhos experimentais podem ter afetado o resultado – sendo, talvez, a abordagem simplificada de "masculinidade" a principal delas. Ainda assim, considerando que os resultados observados se mostraram condizentes com os de pesquisas prévias, a autora julga cabível a rejeição da hipótese mencionada e sugere que tais achados podem ser vistos como evidências inaugurais da independência entre associações indexicais e diferentes processos cognitivos.

Na segunda parte do livro, a ênfase se desloca para uma compreensão mais abrangente do funcionamento da indexicalidade. Em "Sociolinguistic Signs as Cognitive Representations" ("Signos sociolinguísticos como representações cognitivas"), Annette D'Onofrio prossegue na temática da cognição, mas se dedica às relações estruturais do significado no sistema linguístico. Introduce o modelo semiótico de Peirce, o qual avalia como fundamentação mais apropriada à perspectiva de terceira onda, em oposição ao modelo saussuriano. Para tanto, leva em conta a correspondência entre os interesses da terceira onda e o conceito de *interpretante*: de maneira simplificada, o elemento de mediação/interpretação da relação entre signo e objeto – os outros dois componentes da tríade peirceana. A autora defende que o conceito é central para a noção de indexicalidade, considerando que a existência de um interpretante necessita de um intérprete para sua efetivação. É através dele que a relação entre signo e objeto se faz mediada socialmente, licenciando a variação e a mudança do que se tem por significado social.

Interessada no modo como os significados sociais operam no nível perceptivo e cognitivo, a autora explora, através da memória, a relação entre expectativas sociais ligadas às *personae* e ao processamento de formas linguísticas. Ao aplicar um experimento no qual os participantes deveriam reconhecer se ouviram ou não determinado *token* em uma rodada anterior, observou que a expectativa quanto à produção posteriorizada da vogal /æ/ (p.ex., *trap*

“armadilha”), associada à fala de profissionais de negócios, impactou a performance dos participantes na tarefa. Quando submetidos a um *prime* que indicava que os estímulos ouvidos correspondiam à fala de tal profissional, aumentou a proporção de acertos em *tokens* posteriorizados ouvidos previamente. Não obstante, também aumentou a proporção de falsos positivos ao ouvirem *tokens* posteriorizados novos, em comparação com ouvintes que não tinham passado pelo *prime*. Assim, demonstra que interpretantes prévios podem atuar dinamicamente no processamento de fenômenos linguísticos, de modo que determinadas expectativas sociais influenciam a memória e o processamento linguístico dos falantes.

Em seguida, no capítulo “Perceptions of Style: A Focus on Fundamental Frequency and Perceived Social Characteristics” (“Percepções de estilo: um foco na frequência fundamental e percepção de características sociais”), Katie Drager, Kate Hardeman-Guthrie, Rachel Schutz e Ivan Chik analisam diferentes avaliações da fala de havaianos através da aplicação de diferentes tarefas experimentais baseadas em estímulos pareados que diferem nos valores de F0 (frequência fundamental). Revisam, inicialmente, a literatura que trata da associação do F0 médio a características sociais, ligando médias mais baixas a significados como “masculino”, “dominante” e “grande”, e questionando a naturalização de tais associações. Apresentam também uma breve revisão sobre elementos sociais relevantes no arquipélago havaiano, tratando da noção de pertencimento local e do que é “ser havaiano” – na região, sinônimo de ter ao menos parte de ascendência nativa.

Na pesquisa, os ouvintes, também havaianos, responderam questionários abertos sobre características dos falantes ouvidos. Codificaram-se, posteriormente, as respostas quanto aos gêneros atribuídos aos falantes ouvidos, sua orientação sexual e sua etnia. Na seção qualitativa, por sua vez, analisaram de maneira mais aberta os *tokens* utilizados para descrever os falantes, utilizando-se de nuvens de palavras para representar e explorar as avaliações atribuídas a cada estímulo, como a aparência física dos falantes e sua personalidade. Os resultados obtidos indicam que alterações na frequência fundamental se correlacionam com a avaliação dos falantes em diferentes eixos. O modo como a diferença de F0 afetou a avaliação, no entanto, se mostrou condicionado a cada falante, sendo altamente variável. Através das nuvens de palavras, observaram que a depender de como os falantes eram percebidos em determinado eixo (p.ex., gênero), significados sociais muito distintos em outros eixos emergiram, demonstrando a importância de se considerar, para além dos resultados quantitativos no estudo das avaliações linguísticas, a potencial complexidade dos campos indexicais.

Também através da técnica de estímulo pareados, em “Features, Meanings, and Indexical Fields” (“Características, significados e campos indexicais”), Marie Maegaard e Nicolai Pharao examinam a associação de significados sociais a diferentes medidas de centro de gravidade do segmento /s/ em dois estilos da fala dinamarquesa marcadamente distintos por seu ritmo, chamados de “moderno” (*modern*) e “de rua” (*street*). Investigam a relação de /s/ com três outras variáveis: seu contexto prosódico, sua coocorrência com outras variáveis segmentais, e o gênero do falante.

A partir das análises apresentadas, os autores questionam como se delimitam os campos indexicais e sobre a possível existência de diferentes campos de uma mesma variável a depender do estilo na qual a variável se insere, de modo que a presença ou ordem de determinados elementos linguísticos possa temporariamente inibir a associação da forma a certos significados. Argumentam que significados sociais muito distintos podem ser consequência de indexicalidades distintas, potencialmente advindas de diferentes processos de significação, e afirmam que apesar de não haver fixidez nos significados sociais de traços linguísticos, as indexicalidades correspondentes são dependentes de fatores como o estilo. Desse modo, defendem que os significados sociais se constituem a partir da combinação de múltiplos traços linguísticos, e não de traços isolados.

No capítulo intitulado “Reconciling Seemingly Conflicting Social Meanings” (“Reconciliando significados sociais aparentemente conflitantes”), Roey J. Gafter trata de casos de aparente inconciliação entre significados distintos dentro do mesmo campo indexical. O autor afirma que a existência de tal plasticidade teórica, ainda que possa parecer contraditória, é na verdade vantajosa, sendo correspondente a potenciais comportamentos dos falantes. O autor desenvolve sua argumentação em torno da análise da variação intrafalante na produção de segmentos faringais em hebraico, sujeita a vínculos indexicais aparentemente conflitantes, mas, conforme apresenta, subjacentemente relacionados. Em Israel, a pronúncia faringal dos fonemas /ħ/ e /ʕ/ é associada tanto a valores de correção, vista como pronúncia mais fiel ao hebraico tradicional, mas também se associa à população israelense de ascendência não europeia (*mizrahi*) e a palestinos, grupos desfavorecidos internamente em comparação com a população de origem europeia (*ashkenazi*) – que em geral fundem esses fonemas respectivamente com /χ/ e /ʔ/.

O autor defende que mais de um significado social da forma pode se efetivar durante interações e que a noção de campo indexical permite explorar as relações entre esses significados. Assim, os campos indexicais apresentam-se como uma boa ferramenta para

modelar a intuição dos falantes, cujas representações dos significados associados a formas linguísticas não são discretas, o que sugere complexidades potencialmente inexploradas.

Em “Biographical Indexicality: Personal History as a Frame of Reference for Social Meaning in Variation” (“Indexicalidade biográfica: histórico pessoal como quadro referencial para o significado social em variação”), Devyani Sharma traz uma perspectiva renovadora para os estudos da variação, levando em conta os efeitos do percurso biográfico dos sujeitos na interpretação dos significados associados às formas por eles empregadas. Através da análise da fala de um conhecido apresentador da televisão americana de origem indiana, observou que a despeito de ser residente de longa data nos EUA, em certas situações, como quando confrontado ou quando quer persuadir seus ouvintes, o falante exibe características associadas ao inglês indiano, sua variedade materna.

Assim, apresenta também um modo de trabalhar com situações em que há aparente contraditoriedade entre indexicalidades, como quando um falante expressa comportamentos linguísticos divergentes de seu interlocutor como sinal de convergência ou solidariedade. Sua tese é que determinados comportamentos linguísticos são mobilizados e interpretados primariamente não em relação aos significados locais das variantes utilizadas, mas conforme significados intrapessoais. Ao adotar um estilo mais próximo de seu primeiro dialeto adquirido, um falante pode indicar proximidade e sinceridade, ao invés de outros significados localmente associados às formas usadas. Consequentemente, diferentes falantes podem expressar posturas ou atitudes semelhantes através do uso de variantes linguísticas distintas.

Iniciando a terceira e última parte do livro, na qual se enfatiza a mudança linguística – tópico menos em voga na terceira onda diante do interesse particular nos significados sociais – em “Emergence of Social Meaning in Sociolinguistic Change” (“Emergência do significado social na mudança sociolinguística”), Qinq Zhang apresenta um panorama sobre o mandarim na China, ao tratar do mandarim cosmopolita, compreendido como um recurso estilístico ligado ao surgimento de novas distinções sociais no país, em uma era de transformação econômica e mudanças geopolíticas. A variedade é oposta ao mandarim padrão (*putonghua*), por sua vez associado ao igualitarismo socialista e a valores nacionalistas chineses.

Através da descrição do complexo cenário linguístico, em que há ainda aparente instabilidade no enregistramento da variedade inovadora, a autora propõe a compreensão da mudança através da ótica do estilo, examinando elementos emergentes, como a inserção de róticos em codas, lenição de obstruintes retroflexas em ataque e realização interdental de sibilantes, em relação a outros recursos estilísticos disponíveis. Desse modo, defende o

entendimento da mudança das formas a partir das distinções sociais por elas apresentadas e a compreensão da mudança linguística através da mudança social.

Em “Multiethnolect and Dialect in and across Communities” (“Multiethnolecto e dialeto dentro e entre comunidades”), Pia Quist trata do bairro de Vollsmose, em Odense, terceira maior cidade da Dinamarca, situada na ilha Funen. A região, na qual habita maioria muçulmana, de diversas etnias, no país de maioria branca e cristã, é considerada pelos políticos como uma violenta sociedade paralela. Apesar de demarcada fisicamente e apartada socialmente, a autora recusa uma abordagem territorializada, na qual se consideraria a região desconectada de um contexto mais amplo, ao rejeitar uma perspectiva discreta de “localidade”, na qual se pressuporia sua autonomia como sinônimo de variação espacial. Assim, Vollsmose pode ser vista como uma zona de transição, em constante fluxo migratório, que serve de morada temporária para migrantes recém-chegados ao país: uma região afetada por movimentos globais de migração e suas respectivas particularidades.

Quist apresenta uma análise de características segmentais (como a palatalização de /t/) e prosódicas (como o chamado *staccato*, correspondente à redução do contraste duracional entre vogais longas e curtas) levando em conta sua relação com o dialeto funen e com a fala multiethnolectal (associadas a regiões urbanas multiétnicas), a partir de dados advindos da observação participante em uma escola local. A autora destaca a presença de formas não apenas multiethnolectais mas também aquelas do dialeto local e do padrão nacional dinamarquês, resultado que, segundo Quist, se deve à sua abordagem abrangente, levando em conta o impacto de diversas esferas na fala dos estudantes. Especialmente ao tratar de localidades sociais recentes e marginalizadas, a autora afirma que se devem considerar relações, e não fronteiras, de modo a revelar associações e trocas entre o que poderia ser diferenciado como interno e externo, permitindo uma compreensão mais completa das formas e significados mobilizados.

No capítulo “Changing Language, Changing Character Types” (“Língua em mudança, figuras típicas em mudança”), Rebecca Lurie Starr trata da mudança linguística na terceira onda considerando mudanças nas “figuras típicas” (*character types*), conceito que designa tipos reconhecidos num nível mais amplo que as *personae* – geralmente restritas a comunidades de práticas específicas. A autora explora o assunto se ancorando na distinção social entre interioranos (*Heartlanders*) e cosmopolitas (*Cosmopolitans*) no contexto sociolinguístico de Singapura, retomando as transformações sociais e o desenvolvimento econômico subsequentes à independência do país em 1965. Destaca uma declaração feita em 1999 pelo então Primeiro Ministro, na qual se afirma que os cosmopolitas seriam orientados ao mercado internacional,

tecnologia e desenvolvimento, enquanto os interioranos estariam voltados aos assuntos locais, representando estabilidade e os valores centrais da sociedade. O político salienta que o distanciamento dessas duas figuras teria como consequência um colapso social. Na prática, porém, o oposto parece ter acontecido: diante da prosperidade financeira do país, ocorreu um processo de hibridização das categorias. A maior parte dos singapuranos hoje se envolvem em práticas então associadas a ambos os grupos, ao mesmo tempo em que houve modificações nos significados sociais vinculados a cada um.

Na esfera linguística, também ocorreram mudanças. O *singlish*, variedade coloquial do inglês originada do contato com línguas locais, passou a ser valorizado até pelo governo, outrora opositivo, e se tornou marcador da identidade de Singapura, em detrimento do inglês padrão de Singapura (*Standard Singapore English*, SSE), num processo de endonormatização. Em outro movimento, também de distanciamento das normas britânicas, associadas ao SSE, observa-se um direcionamento às normas do inglês norte-americano. Analisando em entrevistas sociolinguísticas a fusão entre as vogais posteriores abertas (p.ex., *cot* “berço” vs. *caught* “pegar-particípio passado”) e a rotacização pós-vocálica (p.ex., *court* “tribunal”), a autora observou que jovens têm empregado mais formas inovadoras, como a fusão vocálica, na construção de estilos monitorados e formais, e que tais usos se correlacionam com a sua identificação como interioranos, indicando que processos normativos e de valoração de variáveis e significados locais são complexos e dificilmente redutíveis a simples dualismos. Conforme sugere a autora, as nuances decorrentes da dinâmica realidade social que transpassa o local devem ser exploradas em profundidade para que seja possível traçar avaliações mais precisas acerca da realidade linguística correspondente.

No capítulo “Social Meaning and the Temporal Dynamics of Sound Changes” (“Significado social e a dinâmica temporal das mudanças sonoras”), Meredith Tamminga trata do dinamismo temporal, o modo com que oscila o comportamento linguístico dos falantes em relação a certa variável no decorrer das gravações, explorando o tempo de maneira contínua. Propõe que o dinamismo na ocorrência de traços linguísticos deve ser analisado de maneira multidimensional, considerando os eixos do que chamou de prevalência (se há nível relevante de variação no decorrer do tempo), sensibilidade (quão rapidamente se dão as alterações, semelhante à frequência em uma função de onda) e extremidade (o quanto elas se distanciam do padrão de referência do falante, semelhante à amplitude). De tal maneira, possibilita-se a observação de diferenças nos padrões de uso entre falantes com frequências similares de produção de determinada variável, mas comportamentos distintos.

Tamminga analisa medidas de F1 e F2 de seis segmentos vocálicos (/ej/, /aj/, /u:/, /aw/, /ow/ e /ɔ/) com diferentes níveis de avaliação social e em diferentes estágios de mudança, usando gravações dialógicas do inglês de 30 jovens da Filadélfia. Com os resultados, rebate a hipótese de que haveria correlação entre a dinamicidade das ocorrências e o seu nível de avaliação social ou seu estágio num processo de mudança, questionando a noção de que há correlação entre consciência social e a inclinação da modificação estilística (LABOV, 2001). Assim, defende que as medidas de dinamicidade não são inerentes às variáveis em si, mas associadas a questões sociointeracionais. Comenta também a escassez de observações de microcovariação – padrões de coocorrência de variantes, independentemente de seu dinamismo individual (TAMMINGA; MACKENZIE; EMBICK, 2016) – atestando que não se observou o fenômeno entre mais de duas variáveis simultaneamente. Argumenta, por fim, em favor da adoção de métodos quantitativos na terceira onda, constatando a adequação de ferramentas como *Generalized Additive Mixed Models* para o estudo de questões de ordem estilística e do significado social, que vão além da observação de aglomerados de ocorrências num eixo temporal discreto e permitem modelar individualmente o comportamento de variantes em *continua* temporais.

Antecedendo o fechamento do volume, em “The Role of the Body in Language Change” (“O papel do corpo na mudança sonora”), Robert J. Podesva trata de práticas corporais enquanto elementos estilísticos semioticamente imbuídos de significados, potencialmente motivadores de mudanças linguísticas. Realiza análises no inglês, observando duas formas concernentes à boca humana: o sorriso e a configuração articulatória de mandíbula aberta (*open-jaw articulatory setting*) – esta associada a estereótipos de californianos. Quanto à primeira, examina sua relação com fronteamto de /ow/ (p.ex., *goat* “cabra”), transcrevendo ocorrências pertinentes em um corpus audiovisual no qual observou que quase metade dos tokens de fronteamto se deram em sentenças com sorrisos. Diante da correlação entre a presença de sorriso e maior F2 (formante correlato ao fronteamto), conjectura que processos de mudança relacionados a fronteamentos vocálicos podem avançar em situações com maior incidência de sorrisos. Em seguida, trata da mandíbula aberta em falantes da região central da Califórnia. Pelo fato de a configuração mandibular mais aberta ter sua duração estendida e maior ocorrência durante a fala, sugere-se que o ajuste é um comportamento mais propriamente linguístico. Ainda assim, os resultados da segunda investigação revelaram padrões similares aos da primeira.

Tais achados indicam que determinados comportamentos corporais podem influenciar traços linguísticos, devendo, portanto, ser considerados no empreendimento das pesquisas variacionistas. O autor conclui que tais formas de corporificação devem ser vistas como fontes ou potencializadores de variação linguística, o que pode alterar os rumos dos processos de mudança.

Se ainda pairava algum questionamento a respeito da solidez da chamada terceira onda, o volume a extingue. Ao dar espaço para hábeis pesquisadores da área, mostram-se claros os objetos e objetivos do campo, conforme se promete no início. Organizado de modo coeso, sem barreiras agudas entre as seções, a publicação pode ser vista como um marco através do qual se estabelece a relevância da teoria através de sua aplicação prática, demonstrando flexibilidade ao propiciar um arcabouço teórico-metodológico favorável à explicação e interpretação de resultados empíricos de diversas naturezas, associados a conhecimentos de outras áreas da linguística. De certo modo, a relação simbólica entre forma e sentido opera metaforicamente em todo o livro, tornando-o um ícone da noção de fluidez que propõe e da pluralidade de abordagens, cada vez mais exaltada.

Por outro lado, apesar dessa multiplicidade de interfaces, se mantém praticamente constante, no decorrer dos textos, uma postura de aceitação, talvez inquestionada, de certas questões não triviais, como a agência dos falantes e a própria modelagem de significados sociais em campos indexicais. Enquanto certos capítulos verdadeiramente avançam na teorização da terceira onda, outros parecem apenas reiterar a aplicação de conceitos eckertianos na análise variacionista – algo não surpreendente, dada a quantidade de autores e capítulos. O leitor lusófono também poderá perceber, apesar de um aparente esforço de diversificação, a predileção por estudos que tratam da língua inglesa ou que se situam no contexto do norte global.

Ainda assim, não deixa de ser instigante o movimento de apropriação da teoria e dos conceitos discutidos pelos autores, face a seus interesses diversos. Tamanha sua criatividade, que em seu comentário de encerramento, Eckert se diz "absolutamente impressionada" ("*mindblown*"). Apesar de sua influência não só teórica, mas política, operacionalizando a historiografia da disciplina ao estabelecer os rumos do que se tem por variacionismo atualmente, é fato que as ideias e as teorizações explicitadas no volume transcendem as postulações de qualquer autor individualmente: coletivamente variam ao tratar da variação, gradualmente redefinindo e permeando os limites da disciplina e, assim, operam mudanças na Sociolinguística.

REFERÊNCIAS

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, San Mateo, v. 41, p. 87–100, 2012.

HALL-LEW, Lauren; MOORE, Emma; PODESVA, Robert J. (Eds.), *Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center For Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. *The unobservability of structure and its linguistic consequences*. In: NEW WAYS IN ANALYSING VARIATION, 22, 1993, University of Ottawa, Ottawa.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*, Vol. 2: Social Factors. Oxford, UK: Blackwell, 2001.

TAMMINGA, Meredith; MACKENZIE, Laurel; EMBICK, David. The dynamics of variation in individuals. *Linguistic Variation*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 300–336, jan. 2016.

Resenha submetida em: 19 mar. 2022

Aceita para publicação em: 26 mar. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122974>